
JUVENTUDE E DESEMPREGO: PERCEPÇÕES A PARTIR DO CONTEXTO NEOLIBERAL

YOUTH AND UNEMPLOYMENT: PERCEPTIONS FROM THE NEOLIBERAL CONTEXT

JUVENTUD Y DESEMPLEO: PERCEPCIONES DESDE EL CONTEXTO NEOLIBERAL

Gabriel Ulbricht Ferreira¹⁶

Resumo

A crescente flexibilização das relações de trabalho, respaldada pelo processo de reestruturação produtiva, levou a um aumento da precarização do trabalho e do desemprego, sobretudo entre os mais jovens, quadro agravado pelo advento do neoliberalismo enquanto projeto político e econômico dominante. Além disso, verifica-se, no contexto atual, um processo ideológico, amparado pela lógica neoliberal, que visa justificar e naturalizar, através de discursos e práticas específicas, um cenário de incertezas e inseguranças generalizadas, em que o próprio sujeito é apontado como principal responsável por sua condição de desempregado. Nesse sentido, este artigo discute sobre o fenômeno do desemprego em um contexto neoliberal, levando em consideração depoimentos de jovens desempregados na cidade de São Carlos-SP, e de que maneira estes vivenciam, interpretam e compreendem o desemprego a partir de suas experiências e referências. Foi realizado um estudo de caso a partir da Casa do Trabalhador, instituição que oferece serviços de realocação profissional, incluindo intermediação de mão-de-obra.

Palavras-chave: Trabalho; Desemprego; Neoliberalismo; Ideologia; Juventude.

Abstract

The increasing flexibilization of working relations, endorsed by the process of productive restructuring, has resulted in both labour precarization and unemployment growth, especially among the young people, which was aggravated by the rise of neoliberalism as the dominant political and economic project. Furthermore, an ideological process, supported by the neoliberal logic, aims to justify and normalize an uncertain and insecure scenario through specific practices and speeches, since the unemployed themselves are pointed as the main responsible for their condition. Therefore, this research aims to discuss about the unemployment phenomenon in a

¹⁶ Graduando em Ciências Sociais na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), e-mail: gabrielulbricht@gmail.com.

neoliberal context, considering the testimonies of the unemployment youth in the city of São Carlos-SP, and how the young workers experience, understand and describe the unemployment through their own experiences and personal references. A case study was performed at the Workers' House, a public institution that offers services related to professional relocation, including labor intermediation.

Keywords: Labour; Unemployment; Neoliberalism; Ideology; Youth.

Resumen

La creciente flexibilización de las relaciones laborales, apoyada en el proceso de reestructuración productiva, provocó un aumento de la precariedad laboral y del desempleo, especialmente entre los jóvenes, situación agravada por la llegada del neoliberalismo como proyecto político y económico dominante. Además, se verifica, en el contexto actual, un proceso ideológico, apoyado en la lógica neoliberal, que pretende justificar y naturalizar, a través de discursos y prácticas concretas, un escenario de incertidumbre e inseguridad generalizado, en el que el propio sujeto es señalado como el principal responsable de su condición de desempleado. En este sentido, este artículo discute el fenómeno del desempleo en un contexto neoliberal, teniendo en cuenta los testimonios de los jóvenes desempleados de la ciudad de São Carlos-SP, y cómo experimentan, interpretan y entienden el desempleo a partir de sus experiencias y referencias. Se realizó un estudio de caso basado en la Casa do Trabalhador, una institución que ofrece servicios profesionales de recolocación, incluida la intermediación laboral.

Palabras Clave: Trabajo; Desempleo; Neoliberalismo; Ideología; Juventud.

INTRODUÇÃO

As últimas décadas do século XX foram marcadas por um processo de reestruturação produtiva do capital em direção à acumulação flexível, acentuando contradições inerentes ao capitalismo e reconfigurando tanto aspectos objetivos quanto subjetivos do trabalho. Clama-se por um novo tipo de trabalhador, mais flexível, adaptável às inconstâncias do mercado e passível de ser demitido com mais facilidade (HARVEY, 2008a), paralelamente ao enxugamento de postos de trabalho que resultou em um menor número de trabalhadores empregados, dos quais são exigidas polivalência e constante atualização (ANTUNES, 2009).

Nesse contexto, as reinvenções operadas no capitalismo contemporâneo resultaram em consequências imediatas para a classe trabalhadora, submetida a empregos escassos, precários e informais (ANTUNES, 2009), além dos inúmeros trabalhadores que, impossibilitados de vender sua força de trabalho, acabam submetidos às mazelas do desemprego estrutural. Vale ressaltar que a atual expulsão de um imenso contingente de trabalhadores dos processos produtivos ocorre em um

contexto de avanço do neoliberalismo, com a contínua desregulamentação do trabalho e privatização do Estado (HARVEY, 2008b).

Este artigo buscará discutir o fenômeno do desemprego enquanto social e historicamente estabelecido, além do processo de reestruturação produtiva e avanço do neoliberalismo nas múltiplas esferas da sociabilidade. Não obstante, a partir dos resultados da pesquisa de iniciação científica intitulada “Juventude e Desemprego: percepções a partir do contexto neoliberal”, também será discutido como se dá a compreensão e percepções dos jovens desempregados na cidade de São Carlos sobre sua condição (de desemprego), além de elementos de suas trajetórias e possíveis paralelos com os discursos e práticas neoliberais vigentes. É preciso ressaltar que a lógica neoliberal, cada vez mais inserida em discursos e práticas sociais, também se estende às múltiplas dimensões da vida dos indivíduos, resultando, assim, em um processo de interiorização ideológica e de subjetivação específicos, fazendo com que os trabalhadores se sintam unicamente responsabilizados pela condição de desempregado.

Foram entrevistados vinte jovens desempregados no município de São Carlos, os depoimentos contidos neste artigo são oriundos desse conjunto de entrevistas, com a efetiva preservação da identidade dos trabalhadores entrevistados.

O DESEMPREGO ENQUANTO UM FENÔMENO HISTÓRICO E SOCIAL

Desde a constituição do capitalismo até os dias atuais, é largamente difundida a ideia de que tal modo de produção se consolidou de maneira idílica, quase que como um conto religioso sobre uma elite que poupou de maneira parcimoniosa os ganhos que adquiriu com seu trabalho, em oposição aos “vadios” e “vagabundos” que gastaram tudo o que tinham rapidamente. Porém, a formação histórica e social do capitalismo, como bem apontou Marx (2013), originou-se, desde seu início, com traços de sangue e fogo, ocasionando em episódios que perpassam desde a colonização dos trópicos até a expulsão do campo de um enorme contingente de camponeses, agora separados dos meios que produzem sua existência e compelidos a vender sua força de trabalho nos centros urbanos.

A relação capital-trabalho tornava-se cada vez mais dominante conforme avançava a concentração da população nas grandes cidades no século XIX. A generalização da condição de assalariado para a maioria dos trabalhadores refletia

um novo momento histórico, fechando um ciclo de longas transformações conflitivas e alavancando a sociedade burguesa enquanto forma de organização social dominante. Nota-se, contudo, que a suposta liberdade inaugurada pelas relações de trabalho sob a égide do capital impulsiona, desde o início, a atomização e isolamento dos sujeitos, paralelamente a ausência de qualquer assistência formal que proporcione uma proteção efetiva aos trabalhadores (CASTEL, 2009).

Quando observou a situação do operariado inglês, Engels (2008) ressaltou que a incerteza é um dos elementos que caracterizam a condição do proletariado, submetido ao movimento irracional do mercado que compreende desde inovações tecnológicas (capaz de dispensar parte do trabalho humano) até o aumento do desemprego.

O proletariado, por seu turno, que só possui de seu os próprios braços, que consome à noite o que ganhou durante o dia, que está inteiramente sujeito ao acaso, que não tem nenhuma garantia futura de assegurar-se os meios mais elementares de subsistência - em função de uma crise ou de um capricho do patrão pode ficar desempregado (...). Tudo o que o proletário pode fazer para melhorar sua condição assemelha-se a uma gota no oceano diante das vicissitudes a que está exposto e sobre as quais carece o mínimo de poder (ENGELS, 2008, p. 155).

Sendo assim, o fenômeno do desemprego configura-se historicamente, assumindo formas específicas mediante a própria constituição do modo de produção capitalista, e sendo fundamental para garantir a própria reprodução do capital (MARX, 2013), uma vez que um vasto exército de reserva possibilita que os salários sejam rebaixados. O trabalhador que se recusa a aceitar as condições impostas para a realização de seu trabalho é facilmente descartado e substituído por outro que as aceite no lugar do desemprego. Além disso, a condição de estar desempregado produz efeitos extremamente nocivos para os indivíduos, uma vez que, com sua força de trabalho rebaixada à condição de mercadoria, a própria vida do trabalhador está à mercê dos movimentos inconstantes do mercado, de tal forma que o desempregado se torna quase que um “não-ser” perante a sociedade capitalista, que não o reconhece na medida em que está fora das relações que reproduzem o capital (MARX, 2010).

O ESTADO DE BEM-ESTAR SOCIAL

Foi somente após o quase colapso do capitalismo liberal na década de 30 que a figura do Estado ganhou uma nova concepção quanto ao seu funcionamento¹⁷, ressaltando um caráter mais regulador e passível de realocar recursos visando a geração de emprego. Tal concepção amadureceu, principalmente, após 1945 e o conturbado período da Segunda Guerra Mundial. O sistema organizacional fordista também alcançou sua maturidade como regime de acumulação acabado, formando a base econômica do período de expansão pós-segunda guerra que se manteve mais ou menos operante até a década de 1970 (HARVEY, 2008a). Ao longo desse período, observou-se um crescimento econômico relativamente estável entre os países capitalistas europeus e nos Estados Unidos, com a consequente elevação da condição de vida da classe trabalhadora. Por trás de tal estabilidade econômica, estavam as políticas keynesianas estatais, em que o Estado assumia um papel econômico interventor e de caráter assistencialista (HARVEY, 2008a).

O sistema de “compromisso” e “regulação” resultante do Welfare State visava uma espécie de compromisso entre capital e trabalho mediado pelo Estado (ANTUNES, 2009). Não por acaso, ergueu-se uma estrutura sindical que se colocou enquanto representante oficial dos trabalhadores e do patronato, ganhando considerável poder na esfera coletiva e relacionando-se com partidos políticos específicos (ANTUNES, 2009; HARVEY, 2008a). O Estado assumia obrigações variadas, desde tentativas em controlar ciclos econômicos, através de políticas fiscais e monetárias, até propiciar benefícios sociais, envolvendo seguridade social, educação, habitação e assistência médica.

Ou seja, os investimentos públicos tornavam-se peça-chave para um maior crescimento da produção e do consumo, visando principalmente a tentativa de garantir o pleno emprego (HARVEY, 2008a). No que se refere ao advento de práticas sociais-assistenciais, Castel afirma que se trata de uma “intervenção da sociedade sobre si mesma, diferentemente das instituições que existem em nome da tradição e do costume” (CASTEL, 2009, p. 57). A assistência é, desse modo, um meio de auxiliar

¹⁷ Aqui, estamos nos referindo ao funcionamento do Estado em termos assistenciais e de alocação de recursos, geração de emprego, etc. No que diz respeito a figura do Estado em si, este sempre foi fundamental para o funcionamento do capitalismo, garantindo, constitucionalmente ou pela força, que os interesses do mercado prevaleçam. Assim, o Estado, antes de ser um contraponto ao mercado, atua intimamente ligado ao movimento do capital (MARX e ENGELS, 2007).

aqueles “ameaçados de afastamento social e incapaz de prover suas necessidades por seus próprios meios” (CASTEL, 2009, p.60).

Não obstante, é impossível referir-se ao modelo do Estado de bem-estar social sem ressaltar que sua existência ficou restrita aos países capitalistas “avançados”, ou seja, as ditas nações do “terceiro mundo” estavam totalmente excluídas do compromisso socialdemocrata (ANTUNES, 2009). No que concerne à sociedade brasileira, a condição de pleno emprego relativo e as políticas abrangentes de bem-estar social patrocinadas pelo Estado nunca foram uma realidade, posto que sempre houve uma parcela significativa de trabalhadores desempregados ou excluídos dos vínculos formais de emprego (ANTUNES, 2009), dedicando-se a ocupações desprotegidas e informais perante um capitalismo dependente.

REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E ACUMULAÇÃO FLEXÍVEL

Após décadas de acumulação de capital sustentada sobre as bases do keynesianismo-fordismo, o capitalismo encontrou-se em profunda crise estrutural, em que um processo de reestruturação produtiva ganhou forma a partir da década de 1970 e inaugurou mudanças profundas no mundo do trabalho. Nesse sentido, embora as regras básicas do modo de produção capitalista tenham continuado a operar como forças invariantes do desenvolvimento histórico (HARVEY, 2008a), houve uma grande transformação, tanto nos aspectos objetivos, quanto subjetivos das relações de trabalho, agora inseridas na lógica da acumulação flexível.

Dentre os fatores que constituem esse novo momento histórico, estão a eliminação de unidades de produção, o “enxugamento” de postos de trabalho em função da liofilização organizacional e a grande retirada e desregulamentação dos direitos anteriormente conquistados pela classe trabalhadora, resultando, assim, em um cenário de insegurança diante de trabalhos precários, escassos e, muitas vezes, informais, além da consequente ampliação das desigualdades sociais já existentes (ANTUNES, 2009).

Neste capitalismo flexível, exige-se aos trabalhadores que sejam mais ágeis, “polivalentes” e abertos a mudanças a curto prazo, assumindo riscos contínuos (SENNET, 2006). Ou seja, é demandada uma capacidade de adaptação constante, garantindo, assim, uma resposta imediata às incertezas do mercado tomadas enquanto imperativos categóricos para a lógica empresarial (CASTEL, 2009). Como

resposta à sua própria crise, o processo de reorganização do capital, no sentido da flexibilização, resultou na progressiva elevação dos níveis de desemprego estrutural, tendo em vista as transformações tecnológicas respaldadas pela adoção de novas formas técnicas de gestão e organização do trabalho, objetivando, principalmente, a redução de custos e o aumento da competitividade dentro de uma economia aberta e globalizada (BÁRBARA, 1999).

Desse modo, é nítida a centralidade que o fenômeno do desemprego assume atualmente, e que apesar de aumentar drasticamente no mundo do trabalho atual, sempre foi um elemento fundamental para a reprodução do capital (MARX, 2013). Tal cenário se configura paralelamente ao retrocesso do poder sindical, de modo que saídas individuais são priorizadas em detrimento da luta classista (HARVEY, 2008a). Com a flexibilidade, ao invés da abolição da dominação do capital sob o trabalho, o que há é uma nova ordem que impõe novos controles, com um mercado cada vez mais dinamizado por um capital demasiado “impaciente” (SENNET, 2006).

Como dito anteriormente, no Brasil, diferentemente do cenário europeu, o sistema assistencial sempre foi nulo ou extremamente escasso, em que os trabalhadores constantemente encontram-se obrigados a “saltar” entre trabalhos informais, de curta duração e mal remunerados. Ou seja, a reestruturação produtiva, em nosso país, deu-se nos marcos de uma condição subalterna e de total dependência, ampliando desigualdades e instabilidades já existentes (ANTUNES, 2009). Posteriormente, o processo de reestruturação do capital e de flexibilização das relações de trabalho se somará ao advento definitivo do neoliberalismo enquanto “nova razão de mundo” (DARDOT e LAVAL, 2016), configurando práticas específicas dentro da lógica do capital, tanto no que se refere aos seus aspectos político-econômicos quanto aos seus aspectos ideológicos.

A IDEOLOGIA NEOLIBERAL: EMPREENDEDORISMO E EMPREGABILIDADE

De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT), cerca de 188 milhões de pessoas estavam desempregadas ao redor do mundo em 2019, com expectativa de crescimento dessa taxa em virtude da elevada escassez de empregos (OIT, 2020a). Em 2020, os índices de desemprego, que já estavam em constante alta, atingiram proporções alarmantes e em escala global. Levando em consideração o cenário atual de avanço do desemprego e de maior flexibilização e precarização do

trabalho em um contexto neoliberal, a condição de estar desempregado parece adquirir uma nova forma, desprovida de qualquer caráter “transitório” e configurando o que Antunes (2018) caracteriza como um processo de expulsão de uma significativa parcela de trabalhadores que se tornam sobrantes e descartáveis.

O contexto histórico e social que atualmente impulsiona o desemprego é marcado pela consolidação do capitalismo neoliberal, que ganhou forte influência mundial através de nomes como Ronald Reagan e Margaret Thatcher nos anos 80 e avançou consideravelmente desde então (HARVEY, 2008b). No Brasil, a presença do neoliberalismo tornou-se notável principalmente nos anos 90, a partir dos governos de Fernando Collor e Fernando Henrique Cardoso, marcados por políticas de redução do Estado e flexibilização das relações de trabalho.

Segundo Harvey (2008b), por neoliberalismo, entende-se um conjunto de práticas político-econômicas que propõe alcançar o bem-estar humano promovendo as liberdades e capacidades empreendedoras individuais, no âmbito de uma estrutura institucional caracterizada por sólidos direitos à propriedade privada e ao livre mercado. Dessa maneira, o desmonte de determinados setores estatais em prol de privatizações, a desregulamentação do trabalho e o ataque à proteção social caracterizam o neoliberalismo enquanto política de Estado.

Contudo, ainda é preciso ressaltar um aspecto fundamental de sua lógica: sua extensão ideológica até a mais íntima esfera da sociabilidade dos indivíduos, remodelando comportamentos, concepções e valores, isto é, a própria subjetividade dos sujeitos, e estabelecendo-se, assim, enquanto “norma geral” de vida:

O neoliberalismo não destrói apenas regras, instituições, direitos. Ele também produz certos tipos de relações sociais, certas maneiras de viver, certas subjetividades. Em outras palavras, com o neoliberalismo, o que está em jogo é nada mais nada menos que a forma de nossa existência, isto é, a forma como somos levados a nos comportar, a nos relacionar com os outros e com nós mesmos (DARDOT e LAVAL, 2016, p. 14).

Sendo assim, de modo concomitante às transformações políticas e econômicas, parece ocorrer também processos de subjetivação mediante a emergência e incorporação de discursos e práticas concretas visando universalizar a ideologia¹⁸ neoliberal que, embora tenha suas raízes na esfera econômica, não se

¹⁸ O termo “Ideologia” será aqui compreendido de maneira alocada na tradição marxista, tendo em vista as elaborações de Marx e Engels (2007) sobre as ideias dominantes de uma determinada época estarem intimamente ligadas à sua classe dominante, em que tanto a produção de ideias quanto da própria consciência está, em princípio, imediatamente entrelaçada com a atividade material dos indivíduos.

resume a ela, o que nos leva a resgatar a compreensão de Gramsci (1999) acerca da ideologia, entendida enquanto um processo que estende sua influência para todas as manifestações da vida individual e coletiva. A lógica do neoliberalismo tornou-se, assim, hegemônica enquanto modalidade de discurso, transmitida nos principais veículos de comunicação e afetando, assim, os modos de pensamento, as práticas cotidianas e as maneiras com que muitas pessoas interpretam e compreendem o mundo (HARVEY, 2008b), estando firmada em um mundo do trabalho cada vez mais individualizado e marcado pela competição generalizada.

Dentre os argumentos da lógica neoliberal visando justificar o desemprego, está aquele que reduz o problema a um viés individual e meritocrático, apontando os trabalhadores desempregados enquanto pessoas que “não se esforçaram o suficiente”, “estão assim porque querem”, “são vagabundos”, etc. Tudo isso torna-se passível de ser assimilado pelos indivíduos enquanto verdades absolutas, consolidando uma hegemonia do capital capaz de articular de modo original a coerção capitalista e o próprio consentimento e engajamento do trabalhador, atribuindo apenas a ele a “culpa” pelo fracasso na sua inserção profissional (ALVES, 2007).

No que diz respeito ao vasto contingente de trabalhadores desempregados que atualmente compõem o Brasil, a sociedade regida pelo mercado apresenta-lhes alternativas à tal situação o recurso ao empreendedorismo ou à empregabilidade (SILVA, 2002), isto é, soluções individuais e que apresentam o problema social e estrutural do desemprego enquanto condição que emana do próprio sujeito. Ou seja, todo o contexto histórico e social por trás do desemprego é abstraído, atribuindo ao próprio as causas que impedem seu próprio sucesso na vida. Aqui, a célebre frase de Margaret Thatcher sobre “não existir essa coisa de sociedade, mas somente indivíduos” vale como máxima universal¹⁹.

Exige-se aos milhares de homens e mulheres desempregados/as que se comportem enquanto empresas, uma espécie de empresários de si próprios (DARDOT e LAVAL, 2016). Nesta ótica, cada um se torna inteiramente responsável por sua saúde, por sua mobilidade, por sua adaptação aos horários variáveis, pela

¹⁹ “‘I am homeless, the Government must house me!’ and so they are casting their problems on society and who is society? There is no such thing! There are individual men and women and there are families and no government can do anything except through people and people look to themselves first.” – Thatcher, Margaret. 1987. ‘Interview for “Woman’s Own” (“No Such Thing as Society”).’ in Margaret Thatcher Foundation: Speeches, Interviews and Other Statements. London.

atualização de seus conhecimentos, tudo isso mediante a naturalização dos riscos, o que justifica ainda mais a diminuição de proteções aos trabalhadores – agora “aptos” a suportarem as condições excludentes do neoliberalismo –, ampliando e reforçando as relações de competitividade através da adaptação subjetiva diante um cenário de forte exclusão. Não obstante, ao invés de acabar com qualquer sentimento de alienação, a noção de um sujeito-empresa eleva o trabalho alienado a um novo patamar, em que o processo de interiorização de tal alienação implica ao trabalhador ser um “déspota de si próprio” (ANTUNES, 2006).

A solução neoliberal está, portanto, em individualizar qualquer problema social, de tal forma que produtos do sistema capitalista como o desemprego e a miséria também são individualizados como provenientes de um “mal gerenciamento” do sujeito-empresa. A coerção econômica e financeira também se reflete em auto coerção e auto culpabilização. Configura-se, assim, um intenso processo de responsabilização individual, paralelamente ao aumento do adoecimento mental (WICKERT, 2006).

O discurso da empregabilidade também carrega um efeito simbólico e ideológico de convencimento e justificativa do cenário de elevado desemprego, capaz de modificar a autoimagem e visão de mundo dos próprios trabalhadores (SILVA, 2002). A empregabilidade diz respeito à capacidade que um profissional tem de conseguir uma oportunidade de trabalho e, sobretudo, de se manter nele. O conceito busca enfatizar a aptidão do indivíduo de se manter ativo e competitivo no mercado de trabalho. Trata-se, portanto, de um recurso constantemente usado pelo empresariado para ressaltar que, somente se especializando constantemente, é que o trabalhador poderá acompanhar o ritmo do mercado e se manter empregado²⁰.

NEOLIBERALISMO, DESEMPREGO E JUVENTUDE

No contexto neoliberal, diversos indicadores apontam que a juventude é a parcela da sociedade fortemente atingida por empregos precários e, sobretudo, pelo desemprego, uma vez que, neste grupo, o índice de desempregados é marcado por

²⁰ Em janeiro de 2022, foi exibido pelo Jornal Nacional uma reportagem que enfatizava como a falta de vagas no mercado teria obrigado muitos recém-formados a mudarem os planos e empreenderem. Não obstante, ao lado do empreendedorismo, a matéria ressalta a empregabilidade através da fala de um CEO (diretor executivo) empresarial. Para mais informações, acesse: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/01/27/falta-de-vagas-no-mercado-obriga-muitos-recem-formados-a-mudar-os-planos-e-empreender.ghml>> acessado em: 06/10/2022

grandes oscilações mediante os ciclos econômicos, principalmente em momentos de crise do capital, como mostrou a existência de mais de nove milhões de jovens latinos e caribenhos desempregados em 2020 (OIT, 2020b). No Brasil, de acordo com o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), o número de jovens submetidos à condição do desemprego passou de 905 mil, no quarto trimestre de 2014, para dois milhões no quarto trimestre de 2019, sendo essa taxa ainda mais elevada entre os jovens em condições socioeconômicas menos privilegiadas (IPEA, 2020).

Levando em consideração o processo de interiorização ideológica do neoliberalismo anteriormente abordado, a juventude trabalhadora está passível de presenciar tal dimensão de adesão e convencimento de maneira mais efetiva, posto que é socializada em um mercado de trabalho já respaldado pela lógica neoliberal, tornando-se, assim, um dos segmentos sociais mais receptivos às expectativas e utopias de mercado, que constantemente buscam apagar qualquer vínculo coletivo de classe²¹ em prol de uma maior atomização dos sujeitos. As novas formas de gestão exigem não apenas o envolvimento com os novos ideais de produtividade e desempenho, mas também a constituição efetiva de novos coletivos de trabalho vivo, com subjetividades etárias sem vínculos com a resistência classista dos trabalhadores da era fordista (ALVES, 2007).

Tendo em vista a construção histórica e social por trás da categoria “juventude”, que assume representações e significações diferenciadas em cada época, ser jovem na era flexível significa estar aberto às mudanças e aos riscos, sendo tal categoria vista como potencialmente adaptável e que melhor atenderia às novas exigências da produção flexibilizada e da lógica meritocrática. Segundo Lima e Pires (2017), os jovens de hoje vivem acompanhados por um processo de “desinstitucionalização” da vida e consolidação de um cenário de incertezas, desprovido de qualquer estabilidade que permita a juventude planejar seu futuro.

Desse modo, os ideais que envolvem a chamada geração Y fortalecem o discurso ideológico que pretende justificar e positivar a inserção dos jovens em um mercado de trabalho instável e precarizado (LIMA & PIRES, 2017). Isso não significa,

²¹ Diferentemente do período keynesiano-fordista, em que havia um maior vínculo coletivo entre os trabalhadores (ainda que não fosse de forma radicalizada), no contexto neoliberal há um amplo processo visando apagar qualquer identidade de classe, questionando até mesmo a existência dos trabalhadores, que antes são vistos como “parceiros” ou “colaboradores” (ANTUNES, 2018).

no entanto, que ocorra uma efetiva integração da juventude ao mercado de trabalho. Nesse contexto, concomitantemente a desaparecimento de programas voltados a inserir os jovens no mercado de trabalho formal, há uma significativa e crescente difusão de iniciativas que incentivam o empreendedorismo, associando um modo de ser juvenil ao neoliberalismo e seus respectivos elementos de concorrência e individualização dos problemas sociais.

O desemprego configura-se enquanto um elemento constitutivo da sociedade brasileira contemporânea. Nesse contexto, a população jovem, envolta por um cenário de desemprego, subemprego, informalidade e de trabalhos precários, apresenta grande probabilidade de enfrentar tais condições sem qualquer tipo de proteção social e de maneira duradoura.

EM CONTATO COM JOVENS DESEMPREGADOS NO MUNICÍPIO DE SÃO CARLOS-SP

Entre o final de 2021 e ao longo do primeiro semestre de 2022, visitamos a Casa do Trabalhador, organismo da prefeitura de São Carlos que oferece uma série de serviços envolvendo propostas para qualificação profissional, expedição de carteira de trabalho e habilitação do seguro-desemprego. Realizamos entrevistas com vinte jovens trabalhadores desempregados de faixa etária entre 18 e 29 anos, com apenas algumas exceções. Conforme fora consenso entre entrevistado e entrevistador, as entrevistas foram gravadas, além de observações e impressões obtidas a partir do contato com os interlocutores, as quais foram registradas em diário de campo. Como dito anteriormente, a identidade e a privacidade dos entrevistados foram preservadas.

A juventude, antes de ser uma categoria fechada e homogênea, é atravessada por questões raciais, de gênero e, sobretudo, de classe. Ou seja, os próprios interesses, percepções e oportunidades ocupacionais variam a depender de qual juventude estamos nos referindo (PAIS, 1990), o que implica uma abordagem metodológica que reconheça a atuação e as particularidades dos sujeitos em suas experiências²² histórica e socialmente determinadas.

²² O termo “experiência” empregado na pesquisa provém das análises de Thompson (1978), em que os homens e mulheres são concebidos enquanto sujeitos que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades, interesses e antagonismos, para em seguida tratar dessa experiência em sua consciência das mais complexas maneiras e posteriormente agir sobre tal situação determinada.

Além disso, como constatou Guimarães (2002), o fenômeno do desemprego não ocorre de maneira abstrata entre os trabalhadores, sendo fortemente seletivo e socialmente determinado, uma vez que as chances de emprego estão desigualmente distribuídas entre os diferentes grupos sociais. Ou seja, sua recorrência pode variar segundo gênero, raça, idade, escolaridade, etc. Nesse sentido, ao longo do trabalho de campo, notou-se que a maioria dos indivíduos desempregados que frequentavam a casa do trabalhador nos dias em que foram realizadas as incursões a campo eram do sexo feminino, o que enfatiza a desigualdade de gênero presente no mundo do trabalho, em que as mulheres trabalhadoras muitas vezes não têm às mesmas oportunidades que os trabalhadores homens e, portanto, estão mais suscetíveis ao desemprego (HIRATA, 2018).

Outro aspecto de destaque no perfil dos entrevistados diz respeito à cor/raça declarada, já que 16 das 20 pessoas entrevistadas se identificavam enquanto pardas ou pretas, ao passo que somente quatro se declararam como brancas. Evidencia-se, assim, o papel da raça no que diz respeito à alocação das pessoas no mercado de trabalho, tanto em termos da posição ocupada, quanto das próprias oportunidades em si (HASENBALG, 2005). O fato de grande parte dos trabalhadores desempregados serem do sexo feminino e majoritariamente negros relaciona-se diretamente com o próprio perfil da classe trabalhadora brasileira, composta, em sua grande maioria, por trabalhadoras negras e trabalhadores negros (CACAU, PARKS, ASSIS, 2021).

ESTUDAR E TRABALHAR AO MESMO TEMPO

Tendo em vista a construção social por trás da categoria da juventude, é comum que os discursos envolvidos pela *doxa* dominante caracterizem os jovens como aqueles que apenas estudam, estando em um momento de “transição” para a vida adulta do trabalho (PAIS, 1990). Porém, como afirmaram Corrochano e Tommasi (2020), o trabalho se configura enquanto uma das dimensões constitutivas do jovem brasileiro, em que muitos necessitam trabalhar tanto para ajudar no sustento familiar quanto para garantir sua autonomia. Esse foi o caso de Diana, que inclusive precisou abandonar os estudos.

Então, eu parei de estudar na verdade para trabalhar mesmo, porque logo que arrumei um emprego não batia com o horário da escola, aí eu tive que parar de estudar para trabalhar (...) eu era balconista de uma padaria lá do bairro mesmo, por indicação (Diana, 26 anos, trabalhadora desempregada).

Como a própria entrevistada explica, a partir do momento que conseguiu um trabalho, precisou escolher entre trabalhar ou estudar, sendo a primeira opção aquela mais óbvia para Diana, em razão da necessidade de renda. Tal constatação rompe diretamente com a ideia de que o trabalho representaria um momento de transição para a vida adulta, posto que grande parte da juventude brasileira precisa estudar e trabalhar ao mesmo tempo (CORROCHANO e TOMMASI, 2020). Não sendo possível tal sobreposição, o trabalho acaba por ser muitas vezes priorizado, posto que influencia diretamente na renda familiar e nas demandas de curto prazo.

Desse modo, a realidade de grande parte da juventude brasileira é marcada por uma sociabilidade multidimensional, com o efetivo entrecruzamento das dimensões educacional, laboral e familiar. Contudo, a sobreposição das atividades de estudo e trabalho pode variar significativamente conforme as experiências dos sujeitos, envolvendo desde suas condições sociais até a própria idade em si, como ressaltava o caso de Laura, que precisou trabalhar durante todo seu percurso escolar a partir do 9º ano do ensino fundamental.

Eu trabalhei no meu ensino médio inteiro (...) foi muito cansativo. Eu comecei na 8ª série trabalhando, aí eu trabalhava a noite, sabe? Das 18:00 às 21:00, depois eu comecei a ficar o tempo integral, pois eu fiz 18 anos. Aí eu chegava na escola às 7:00 da manhã, saía da escola 12:00 e ia correndo pra casa, tomar banho para chegar lá [no trabalho] às 13:30 (...) aí eu ficava até às 22:00. Foi cansativo, era muito difícil" (Laura, 24 anos, estudante de graduação e trabalhadora desempregada).

INDIVIDUALIZAÇÃO DO DESEMPREGO E DA PANDEMIA

O advento da pandemia da covid-19 ocorreu no solo de um capitalismo neoliberal em crise, resultando na forte proliferação do vírus que, ao lado dos milhões de óbitos a nível mundial, desempregou milhões de trabalhadores e trabalhadoras (ANTUNES, 2022). Nesse contexto pandêmico, a classe trabalhadora viu-se, segundo Antunes (2022), sob intenso fogo cruzado, perante o cenário de precisar vender sua força de trabalho para garantir os meios básicos de subsistência em meio a contaminação virótica, somado à pragmática do neoliberalismo. É preciso ressaltar, porém, que os índices de desemprego e desalento já estavam muito elevados antes mesmo da pandemia, contabilizando cerca de 12,6 milhões pessoas desempregadas no Brasil em 2019²³, além dos grandes índices de informalidade.

²³ Disponível em <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/26741-desemprego-cai-para-11-9-na-media-de-2019-informalidade-e-a-maior-em-4-anos>>. Acessado em: 06/10/2022

Apesar do desemprego se configurar enquanto um fenômeno socialmente estabelecido, ao longo das entrevistas foi possível captar a individualização do problema por parte de alguns jovens entrevistados, que mobilizaram questões mais individuais para tratar tanto da condição do desemprego quanto da própria pandemia em si, tal como expõe a compreensão de Renan acerca do enfrentamento de sua condição de desempregado:

Ah, vou ser sincero com você: tudo que acontece no nosso mundo é uma desculpa pra gente “molhar uma pedra”. Claro que foi difícil (...) lógico que afetou o empresário, o comércio, os caras que gostam de consumir (...) você sente a diferença, vai afetando todo mundo, mas graças a Deus tá voltando ao normal né, vamos ver, esperar, e vamos pra cima de novo. Não pode desanimar! (Renan, 33 anos, trabalhador desempregado).

Desse modo, percebe-se que a esfera individual muitas vezes é aquela que os sujeitos mobilizam para justificar sua situação em meio a pandemia, em que a falta de esforço próprio seria um dos grandes elementos explicativos da situação atual. O depoimento de Talita sobre o motivo de estar desempregada também é direcionado nesse sentido:

Eu acho que eu dei uma relaxada nessa pandemia, eu poderia ter estudado mais a minha área mesmo, porque eu acho que tem vagas, mas não tem gente qualificada. (...) precisava me esforçar muito mais, muito mais (Talita, 28 anos, trabalhadora desempregada).

A questão da qualificação também se fez presente nos relatos, como mostra o caso acima, sendo um dos elementos muitas vezes apresentados pelos grandes meios de comunicação como possível solução frente ao desemprego, isto é, só estaria desempregado aqueles que não são qualificados para o mercado de trabalho. Paralelamente à empregabilidade, a ideia de empreender e abrir seu próprio negócio configura-se enquanto um dos aspectos centrais da ideologia neoliberal, não por acaso, também foi abordada pelos entrevistados:

Ah, eu sempre fui interessado em abrir uma coisa pra mim, porque eu imagino assim: acordar seis horas da manhã pra trabalhar, o esforço que eu fazia para os outros, se metade daquele esforço que eu fazia para os outros eu inverter para o meu negócio, não tem como não dar certo. Só não dá certo para uma pessoa empreender no seu negócio porque a pessoa não dá o 100% dela. (...) Do mesmo jeito que você dá 100% em uma empresa (...), se você também der 100% nas suas coisas e no seu foco ali você vai pra frente sim (Carlos, 27 anos, trabalhador desempregado).

Então, cara, se eu te falar que minha vontade é essa, eu queria ter meu próprio negócio, mas precisa de muito capital, tem que trabalhar muito para conseguir. (...) porque aí eu teria minha independência financeira, ia poder fazer as coisas que eu mais gosto, ajudar minha família da forma mais presente ali, de forma mais concreta (Willian, 29 anos, trabalhador desempregado).

Já pensei em abrir um lava rápido, porque eu sei mexer nas coisas. (...) É mais vantajoso, não tem patrão pra encher me encher o saco (Caio, 18 anos, trabalhador desempregado).

Fica nítida a articulação entre empreendedorismo e um maior sentimento de autonomia e independência, aliado à lógica meritocrática de que, através do esforço individual, o sucesso é inquestionável. Além disso, abrir o próprio negócio parece ser mais atrativo em termos financeiros do que o trabalho assalariado, em que a própria figura “incômoda” do patrão pode ser apagada, como ressalta o depoimento de Caio, evidenciando a relação conflituosa entre patrão e empregado. Não por acaso, empresas de aplicativos como Uber, Ifood, etc. difundem ideologicamente noções que exaltam o trabalhador uberizado como um “chefe de si mesmo” (ABÍLIO, 2020).

ANSIEDADE E INCERTEZA

O contexto de um capitalismo mais flexível bloqueou qualquer possibilidade de longo prazo, em que a ansiedade perante incertezas quanto ao futuro torna-se cada vez mais comum (SENNET, 2006). Desse modo, a grande maioria dos entrevistados afirmou sofrer de ansiedade ou outro tipo de problema psicológico em virtude do desemprego, uma vez que não há uma estabilidade garantida e bem delineada (WICKERT, 2006). Qualquer planejamento mais estável torna-se impossível em meio à irracionalidade do mercado, que acarreta mudanças e transformações capazes de incidir diretamente no futuro dos trabalhadores. No caso dos desempregados, sua condição de ausência de trabalho alavanca ainda mais o pessimismo sobre o dia seguinte, posto que qualquer referencial de estabilidade se perde quando já não há garantias de conseguir um salário para acessar os meios de subsistência que possibilitem a sua existência.

Eu até comecei a fazer terapia, de tão preocupada que eu estou, antes eu nem tinha tanta preocupação, eu pensava que eu ia me formar, com tranquilidade, pelo menos nesses quatro anos, e depois sair e já procurar um emprego, só que não deu tempo, sabe? Não foi como eu planejei. Foi muito conturbado (Laura, 24 anos, estudante de graduação e trabalhadora desempregada).

É aquela frustração, aquela incerteza de não saber como vai ser o outro dia, se vai ter alguma coisa, se vai ter coisa pra comer ou se não vai ter, entendeu. (...) isso mexe com a cabeça de qualquer um, com quem está passando por uma situação assim. Você empregado tem uma certeza que vai ter um dinheiro para pagar suas contas, pagar sua pensão em dia, entendeu? Fazer uma comprinha do mês. Mas quando você está desempregado a preocupação te persegue, isso é a realidade do brasileiro todos os dias (...) é uma coisa que já virou rotina, e não era pra ser assim. (William, 29 anos, trabalhador desempregado)

Como já apontava Engels (2008), é inegável que os aspectos de insegurança e incerteza do futuro atravessam a condição do proletariado desde sua constituição. Por fim, vale ressaltar o efeito que o fenômeno do desemprego possui em desmoralizar os trabalhadores desempregados, que passam a enxergar-se enquanto “sem valor”, “inútil”. As angústias por trás da população desempregada, submetida à degradação individual, à perda de identidade social e à efetiva desconstrução de projetos de vida, resulta, portanto, na corrosão da própria concepção subjetiva acerca de si mesmo (MANDELBAUM e RIBEIRO, 2017). Aquele que sofre com o desemprego enfrenta uma exclusão violenta perante a sociedade, fraturando efetivamente as demais esferas sociais do sujeito.

Ah eu me sinto mal né cara, tipo, tem conta pra pagar e tal. As coisas são bem complicadas, eu me sinto inútil na verdade (...) eu vejo meu pai trabalhando, suando né, ele não me cobra nada, graças a Deus ele entende o momento, ele tem consciência social, e aí ele não cobra. Mas, assim, eu fico mal né. Aí de manhã eu estou acordando todo dia para entregar [currículo], desde o dia 07 eu estou entregando currículo, mas até agora nada. Então, assim, tá complicado, né, (...) estou me sentindo meio inútil, não estou me sentindo útil para pagar minhas contas, para contribuir de certa forma, entendeu? (Mateus, 24 anos, trabalhador desempregado).

O mesmo sentimento de desesperança vem acompanhado pela vivência de desfiliação (CASTEL, 2009) perante o que é exigido ao indivíduo na sociedade capitalista. A impossibilidade de trabalhar resulta em uma maior fragilidade dentro dos próprios vínculos sociais construídos pelo sujeito, agora submetido a sentimentos de impotência, solidão e incapacidade de reagir. Ou seja, o desemprego, para além de configurar a exclusão do mundo do trabalho, lança os indivíduos numa situação de ruptura com as demais esferas de sua sociabilidade (MANDELBAUM e RIBEIRO, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos demonstrar que, no atual contexto de flexibilização e avanço neoliberal, configura-se um duplo cenário de sofrimento para os milhares de homens e mulheres que dependem exclusivamente de sua força de trabalho: de um lado, enfrentam empregos precarizados e intermitentes, do outro, vivenciam diretamente o coágulo do desemprego. Ou seja, na mesma medida em que a lógica destrutiva do capital descarta milhões de trabalhadores anteriormente empregados, também recria

novas modalidades de trabalhos informais, flexíveis e terceirizados que afetam os níveis de remuneração daqueles que se mantêm em posições mais estáveis (ANTUNES, 2018), estando constantemente ameaçados pelo desemprego enquanto um possível destino.

Não obstante, apesar do neoliberalismo impulsionar ainda mais um cenário social mergulhado na insegurança e na incerteza para aqueles que dependem unicamente de sua força de trabalho para sobreviver, buscamos aqui enfatizar que tal instabilidade é condição *sine qua non* na vida do proletariado dentro do modo de produção capitalista, uma vez que está inteiramente submetido aos mandos e desmandos do mercado, e sendo episódios como o Welfare State uma exceção aos países de “capitalismo avançado” em um contexto histórico-social específico.

Além disso, é a categoria da juventude que majoritariamente compõe os altos índices de desempregados (IPEA, 2020). Os jovens se encontram à deriva, sem referenciais claros e sem rumos a priori (WICKERT, 2006), rompendo com a possibilidade de projetos de vida facilmente delineados e submersos em uma situação de desemprego prolongado. Contudo, é preciso ressaltar que a juventude não é um conjunto homogêneo de indivíduos, posto que também compreende aspectos de gênero, raça e classe (PAIS, 1990).

Embora seja comum associarmos a juventude enquanto um setor da sociedade em transição para a vida adulta, o que a realidade evidencia são jovens conciliando estudo e trabalho em jornadas prolongadas, sendo o trabalho uma das dimensões constitutivas na vida de uma juventude que adentra o mercado desde cedo, mesmo que, muitas vezes, em empregos informais e irregulares. Não havendo a possibilidade de conciliar estudo e emprego, a segunda opção é priorizada, posto que garante acesso às demandas de curto prazo, mesmo que isso acabe por afetar a formação escolar dos sujeitos e sua futura trajetória profissional.

Apesar do desemprego desempenhar um papel estrutural no modo de produção capitalista, e ter elevado seus já crescentes índices no momento da pandemia da covid-19, alguns trabalhadores mobilizaram explicações que caracterizam o desemprego enquanto sendo um produto individual, o que de certa forma dialoga com a ideologia neoliberal que busca abstrair qualquer aspecto social do desemprego e direciona-lo unicamente aos sujeitos. Não por acaso, soluções

individuais envolvendo empreendedorismo e qualificação foram ressaltadas pelos entrevistados.

Também foi unânime depoimentos que enfatizavam problemas de ansiedade perante a incerteza do futuro. A sociedade capitalista é orientada tendo em vista a valorização do capital (MARX, 2013), aqueles que estão fora desse compromisso perdem a possibilidade de reproduzir sua existência. Desse modo, o medo do desemprego é legítimo, sendo capaz de afetar as múltiplas esferas da sociabilidade dos sujeitos que passam por tal condição.

É preciso entender como o desemprego impacta as mais diversas dimensões da vida do sujeito a partir de sua própria experiência, e como tal experiência relaciona-se com a lógica contraditória que compreende o modo de produção capitalista, mais especificamente em sua roupagem neoliberal. Além da significação do desemprego para uma determinada sociedade em termos normativos, isto é, a partir das instituições criadas por ela, também é preciso compreender o desemprego no plano subjetivo, resultante das experiências vividas (GUIMARÃES, 2002).

REFERÊNCIAS

- ABÍLIO, Ludmila Costhek. **Uberização e Juventude Periférica**: desigualdades, autogerenciamento e novas formas de controle do trabalho. Novos estud. CEBRAP. São Paulo, v. 39, n. 3, p. 579-597, set – dez. 2020.
- ALVES, Giovani. **Dimensões da reestruturação produtiva**: ensaios de sociologia do trabalho. 2ª ed. Londrina: Editora Praxis, 2007.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?**: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 11ª ed. São Paulo: Cortez, Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2006.
- ANTUNES, Ricardo. **Capitalismo pandêmico**. São Paulo: Boitempo, 2022.
- ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.
- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2009.
- BÁRBARA, Maristela. **Reestruturação produtiva, qualificação, requalificação e desemprego**: percepção e sofrimento do trabalhador. In: Psicologia, Ciência e Profissão, 1999.
- CACAU, Carolina; PARKS, Letícia; ASSIS, Odete Cristina. **Mulheres negras e marxismo**. São Paulo: Edições Iskra, 2021.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. 8ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

CORROCHANO, Maria Carla; Tommasi, Livia. **Do qualificar ao empreender**: políticas de trabalho para jovens no Brasil. In: Estudos Avançados 34 (99), 2020.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

ENGELS, Friedrich. **A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra**: segundo as observações do autor e fontes autênticas. São Paulo: Boitempo, 2008.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos de Cárcere**, Volume 1: Introdução ao estudo da filosofia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GUIMARÃES, Nadya. **Por uma sociologia do desemprego**. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 17, núm. 50. São Paulo, 2002.

HARVEY, David. **Condição pós-Moderna**. 17ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008a; HARVEY, David. **O Neoliberalismo**: história e implicações. São Paulo: Edições Loyola, 2008b.

HASENBALG, Carlos. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

HIRATA, Helena. **Gênero, patriarcado, trabalho e classe**. Trabalho Necessário (2018) – <<https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/4552>> Acessado em: 08/10/2022.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA. **Diagnóstico da inserção dos jovens brasileiros no mercado de trabalho em um contexto de crise e maior flexibilização**. 2020. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10107/1/Diagnostico_de_insercao_de_jovens.pdf> acessado em: 08/10/2022.

LIMA, Jacob; PIRES, Aline Suelen. **Juventudes e a nova cultura do trabalho**: considerações a partir do trabalho digital. Revista Sociologia & Antropologia, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 773-797, dez. 2017.

MANDELBAUM, Belinda; RIBEIRO, Marcelo. **Desemprego**: uma abordagem psicossocial. São Paulo: Blucher, 2017.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-Filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010; MARX, Karl. **O capital**: crítica da Economia Política, Livro I – O Processo de Produção do Capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B.Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. São Paulo: Boitempo, 2007.

Organização Internacional do Trabalho - OIT. **Desemprego, informalidade e desocupação afetam jovens na América Latina e no Caribe** (2020b). Disponível em: https://www.ilo.org/brasilia/noticias/WCMS_738633/lang--pt/index.htm Acessado em: 08/10/2022.

Organização Internacional do Trabalho - OIT. **World Employment and Social Outlook** (2020a). Disponível em: https://www.ilo.org/global/research/global-reports/weso/2020/WCMS_734455/lang--en/index.htm Acessado em: 08/10/2022
PAIS. José Machado. **A construção sociológica da juventude** – alguns contributos. *Análise Social*, vol. XXV (105-106), 1990 (1. °, 2. °), 139-165.

SENNET, Richard. **A corrosão do caráter**: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 11ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SILVA, Luiz Antonio Machado. **Da informalidade à empregabilidade** (reorganizando a dominação no mundo do trabalho). *CADERNO CRH*, Salvador, n. 37, p. 81-109, jul./dez. 2002.

WICKERT, Luciana. **Desemprego e juventude**: jovens em busca do primeiro emprego. *Psicologia, Ciência e Profissão*, vol. 26, núm. 2, 2006, pp. 258-269. Conselho Federal de Psicologia. Brasília, Brasil.